

Saber ser, saber fazer: a formação de professores num complexo processo de conhecimento de si

Maria Magalia Giacomini Benini¹

Vantoir Roberto Brancher²

Valeska Fortes de Oliveira³

“Conhece-te a ti mesmo” (Sócrates)

“Todo conhecimento é auto-conhecimento” (Santos)

“Se num jantar conheceres um homem que dedicou a sua vida a educar-se a si mesmo – exemplar raro no nosso tempo, admito-o, mais ainda assim, possível de encontrar, ocasionalmente- levantar-te-ás da mesa mais rico, com a certeza que, por um momento, um alto ideal tocou e benzeu os teus dias. Mas, meu caro Ernesto, sentares-te ao lado de um homem que passou a sua vida a tentar educar os outros! Que horrível experiência essa!” (Wilde 1891)

Resumo:

O artigo que ora apresentamos busca elencar, de forma reflexiva, algumas discussões teóricas utilizadas na formação de professores. Partimos da concepção de que os professores são sujeitos em constante formação, ou seja, sujeitos aprendentes. A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de “tomar distância” do objeto, de observá-lo, de limitá-lo, de cindi-lo, de “cercá-lo” ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar. Pressupomos que, só conseguiremos estabelecer significação se estivermos realmente interessados nos atores do processo educativo. Ao tecermos essa escrita, viabilizamos alguns tópicos que foram instigantes e que acreditamos significativos à formação. Encontramo-nos, hoje, na condição de formadores e/ou futuros formadores dos formadores, o que nos deixa preocupados. É nessa perspectiva que enfatizamos o realce da História de Vida e da Memória Professoral ao construto da identidade docente. A partir de algumas reflexões tentamos demonstrar que, as narrativas estão imbuídas na expressão dos desafios de conhecimento ao longo de uma vida. Tais conhecimentos estão inseridos no que de mais sensível foi demarcado em um determinado período histórico, seja pelo viés das potencialidades individuais, seja na construção coletiva dos conhecimentos no plano da consciência.

¹ Professora/Mestranda em Educação CE/PPGE/UFSM e-mail giacominibenini@yahoo.com.br

² Pedagogo/Mestrando em Educação CE/PPGE/UFSM e-mail vantobr@yahoo.com.br

³ Pedagoga/Orientadora/Dr^a em Educação CE/PPGE/UFSM e-mail guiza@terra.com.br

Na percepção da necessidade de um amplo aporte teórico e metodológico que permeie a formação de professores, em relação ao processo confluyente entre teoria e prática – saber ser, saber fazer – um grupo de pesquisadores (Gepeis)⁴, do qual fazemos parte, viabilizou discussões que versaram sobre o Método Biográfico Histórias de Vida e sobre as Narrativas Docente.

Esse grupo se reuniu, semanalmente, num processo de leitura dirigida, no segundo semestre de 2004, com o objetivo de problematizar teorias metodológicas que envolvessem nossas pesquisas educacionais. Nessas discussões, tentamos elencar a importância dessas teorias na formação de professores – temática comum às pesquisas do GEPEIS. Partimos, assim, da concepção de que os professores são sujeitos em constante formação, ou seja, de sujeitos aprendentes.

Nesses encontros de leitura dirigida, foram analisadas teorias que perpassaram por vários referenciais. Entre elas, elegemos como fio condutor, nessa interlocução, a obra “Experiências de Vida e formação” de Marie-Cristine Josso. Como resultante desses encontros, podemos dizer, que culminaram diversas sistematizações teóricas. Nesse dispositivo de estudo, outras interlocuções foram produzidas, talvez num viés diferenciado e/ou enfocando outros dos autores trabalhados. Essas produções, provindas dessa reflexibilidade coletiva, encaminham-se, agora, como material de apoio para investigação e formação docente.

Sabemos, através de Morin (1991), que, hoje, a sociedade transcorre um momento de transição paradigmática. Da década de 60 a 70, difundiu-se um novo paradigma, qual seja da educação permanente. Nele, destrói-se com a crença de um único local e de uma única época destinados à formação. Aqui, acreditamos na aprendizagem permanente (constante), em todos os momentos da vida, desde que esse sujeito aprendente esteja estimulado, ou seja, desejando aprender.

Nóvoa In Josso (2002) aponta também que, a partir dos anos 90, a educação e formação, ao longo da vida, tornou-se uma das discussões nos modelos europeus de educação, produzindo com isso um processo de tensão nos modelos europeus de formação. E preconiza ainda que “a partir de então, Bruxelas

⁴ Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social – GEPEIS/CE/UFSM

escreve em todos os seus documentos que ‘deve se conceder prioridade à educação e formação ao longo da vida’ e que os cidadãos ‘devem ser responsáveis por atualizar constantemente seus conhecimentos e melhorar a sua empregabilidade’ (Nóvoa, 2002, p.08).

Talvez seja nesse sentido que Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da autonomia* (1996) – até porque acreditamos que Freire tenha sido um dos pioneiros a observar e acreditar no professor como um sujeito em construção e que aprende, constrói e se constrói na interação com seu aluno – tenha apontado quando enfatiza a necessidade de uma constante curiosidade para a produção do saber.

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade. Com a curiosidade domesticada posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não o aprendizado real ou o conhecimento cabal do objeto. A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de “tomar distância” do objeto, de observá-lo, de limitá-lo, de cindí-lo, de “cercar” o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar. Freire (1996, p. 95)

A educação, ou o processo educativo pode ser uma criação, pode ser um momento pleno de prazeres, sabores e saberes. Entretanto, só conseguiremos estabelecer significação se estivermos realmente interessados nos atores do processo educativo. Pesquisadores dos mais variados âmbitos educacionais tentam e tentaram desenvolver metodologias e fórmulas “miraculosas” de estabelecer um elo entre o saber, a consciência e os interesses cotidianos dos sujeitos de suas pesquisas, ou seja, discentes e docentes. Essa busca ainda se presentifica nas

intenções dos pesquisadores, assinalando assim, que não obtivemos pleno êxito na mesma.

Nas últimas décadas, professores e pesquisadores têm destinado atenção especial às Histórias de Vida, tanto em suas modalidades orais como escrita. Josso (2002, p.20) aponta numa perspectiva investigativa às Histórias de Vida. Essas poderiam ser percebidas “como a referência das tomadas de posição e dos processos-projectos de formação do nosso estar-no-mundo singular-plural através da exploração pluridisciplinar, ou para alguns transdisciplinar, e da sua complexidade biográfica”.

Nesse sentido, a observação e conhecimento dessa vida complexa professoral podem interferir diretamente no que/fazer dos professores e, muitas vezes, até em suas vidas pessoais. Encontramos alguns autores que chegam a apontar um processo terapêutico no trabalho com as Historias de Vida. Dizem eles, que, principalmente, os professores, quando se iniciam na produção de suas histórias, começam um lento processo, quase que um desabrochar, no entendimento de inúmeras questões, muitas vezes, sem respostas de seu fazer cotidiano.

História de vida: aprendendo a ser professor na significação e na ressignificação da prática docente

Ao tecermos essa escrita, viabilizamos alguns tópicos que foram instigantes e que acreditamos significativos à formação. Encontramo-nos, hoje, na condição de formadores e/ou futuros formadores dos formadores, o que nos deixa preocupados. Essas discussões levam-nos a percepções fundamentais frente à nossa formação e à construção do conhecimento, mediante a prática refletida e ressignificada. É oportuno, aqui, expressar a brilhante idéia de Josso (2002, p.09). Quando afirma “formar é sempre formar-se”, ou ainda na expressão de Oscar Wilde In Josso (2002, p11), que destaca a questão de “não apenas fazer, mas ser; não apenas ser, mas tornar-se” formadores e aprendentes. Isso implica na certeza de que devemos ser professores reflexivos de nós mesmos, de nossas práticas, dos resultados expressivos que se originaram do nosso que/fazer educativo.

Permitimo-nos, assim, apresentar a correlação existente também com as citações de Santos e Sócrates lidas nas falas iniciais dessa produção coletiva, onde esses autores chamam para a prática da flexibilidade. Essa questão está abordada nas expressões respectivamente citadas pelos autores: “todo conhecimento é auto-conhecimento” (Santos) e “conhece-te a ti mesmo” (Sócrates). Assim, categorizamos a idéia dos desafios teóricos e empíricos na formação e na profissionalização docente, nessa sociedade caracterizada por necessidades educativas.

Necessário na proposta da construção do “conhecer-se a si”, acreditamos encontrar-se o Método Biográfico Histórias de Vida. Por esse olhar, há que se refletir acerca da ênfase dessas histórias como projetos de conhecimento e de formação, apontando, com isso, dois eixos: teorias e práticas educacionais. Voltamos nossos olhares para os atores da educação, ou seja, a nós mesmos, professores e alunos, sujeitos de nossas pesquisas permanentes. Tais atitudes estarão nos proporcionando a possibilidade de atitudes reflexivas proporcionando-nos também, com isso, nossa condição de sujeitos aprendentes. Dessa forma, estaremos, através de uma experiência formativa, construindo nossa identidade educacional.

Conhecer os processos nos quais os docentes são formados leva-nos e leva-os a uma revisão e a uma ressignificação de nossas práticas, memórias e identidades docentes. É nessa perspectiva que enfatizamos o realce da História de Vida e da Memória Professoral ao construto da identidade docente.

Concordamos com a idéia de que podemos “(...) indicar as pistas de reflexão e a compreensão actual do que é a formação e do lugar que nela ocupam as experiências ao longo das quais se formam e se transformam as nossas identidades e a nossa subjetividade”- Josso (2002, p.22). A autora é bastante coerente ao afirmar que, quanto mais há a nossa acentuada participação acerca do contributo na formação identitária profissional, através da flexibilidade na experiência, mais trilhamos o rumo de nossa formação transformadora.

A escritora acima citada acrescenta ainda que, “formar-se é integrar numa prática o saber-fazer e os conhecimentos na pluralidade de registros a que acabo de aludir. Aprender designa, então, mais especificamente o próprio processo de integração”. Aprender com e pela experiência é ser capaz de resolver problemas, e

não apenas assuntar-se de teoria relacionais e de significações, mas, sim, reportar-se a estas teorias e reflexões constantemente. A formação observada no centro das narrativas docentes poderá ser experiência refletida e ressignificação do processo do conhecimento.

A partir dessas reflexões pensamos que as narrativas estão imbuídas na expressão dos desafios de conhecimento ao longo de uma vida. Tais conhecimentos estão inseridos no que de mais sensível foi demarcado em um determinado período histórico, seja pelo viés das potencialidades individuais, seja na construção coletiva dos conhecimentos no plano da consciência. Resta-nos conhecer os saberes desses professores exercitando, com isso, momentos formativos ao longo das trajetórias profissionais.

Referências Bibliográficas:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática pedagógica. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORIN, Edgard. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Lisboa, 1991.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Lisboa, 2002.

NÓVOA, Antonio, in JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Lisboa, 2002.